

Um Bloco mobilizado para todos os combates

Programa para a Comissão Coordenadora Distrital do Porto

Junho de 2018

PROGRAMA

1. Na Europa e no mundo, a política desloca-se para direita.

A vitória de Trump nas últimas eleições nos EUA, a ascensão da extrema-direita na Europa – que marca já presença nos governos na Polónia, Hungria ou Itália – ,a proliferação do discurso xenófobo contra a imigração e da violência sobre os refugiados, a investida em armamento e a abertura do debate sobre a criação de um exército europeu devem preocupar todos os militantes que à esquerda lutam contra a política da guerra, do racismo e da exclusão social.

As forças políticas que impuseram, na sequência da crise financeira internacional, a radicalização da agenda neoliberal, com o enfraquecimento dos serviços públicos, a desregulação do mercado de trabalho e o aumento das desigualdades, criaram o terreno fértil para que este tipo de discurso pudesse encontrar o seu eco. A direita liberal e as forças sociais-democratas que, na Europa, adotaram a agenda neoliberal, insistem nessa política que abre campo à extrema-direita, e, por isso mesmo, não apresentam nenhuma saída da crise. É à esquerda que se constrói um programa alternativo ao capitalismo e de resposta contra a predação financeira, pondo os interesses de quem trabalha, a criação de emprego, os direitos sociais e o combate à desigualdade à frente dos interesses financeiros.

2. Em Portugal, a força da Esquerda travou o empobrecimento

O acordo celebrado em 2015 entre os partidos de Esquerda e o Partido Socialista serviram para viabilizar um governo minoritário do PS, afastando a direita troikista do poder (PSD-CDS) e parando o processo de empobrecimento. Esse passo, essencial para salvar o país da crise social, abriu algumas janelas que o Bloco de Esquerda não deixou de aproveitar.

Concretamente, as linhas desse acordo foram exigências do Bloco de Esquerda em matérias onde o Partido Socialista, se governasse sozinho em cumprimento com o programa eleitoral que então tinha levado a sufrágio, nunca teria concretizado. São exemplo o aumento de pensões, a subida do salário mínimo nacional (5% ao ano), o imposto sobre imóveis de luxo, o programa de combate à precariedade na administração pública (PREVPAP), algumas medidas de justiça laboral (designadamente para os trabalhadores independentes, o fim do corte no valor do subsídio de desemprego, o aumento do valor dos mínimos sociais (RSI; CSI, abono), o alívio fiscal através da inserção de mais escalões no IRS, o resgate dos transportes públicos de Lisboa e Porto para a esfera pública, o impedimento de mais privatizações de serviços e empresas públicas, a implementação de tarifas sociais na água e na eletricidade. A recuperação de rendimentos teve efeitos importantes na criação de emprego. O Bloco, que pela voz da Catarina Martins tem reivindicado estas conquistas, não esquece o seu caminho e as suas escolhas.

Por outro lado, a intervenção do Bloco foi essencial na reversão das medidas de menorização e cobrança de taxas às mulheres que recorrem à IVG, para alargar o direito de adoção a todas as famílias, garantir o acesso à PMA e à gestação de substituição, para fazer avançar o reconhecimento da identidade de género.

Esse caminho, do qual nos orgulhámos, é um passo, ainda que tímido, para um país mais justo e solidário.

3. No país, como no distrito, não se pode omitir os limites, contradições e insuficiências da atual solução para a alteração estrutural no país.

A reposição de rendimentos, o aumento do salário mínimo, das pensões ou dos apoios sociais, a implementação da tarifa social da água e da luz, o fim dos cortes no passe de estudantes, foram medidas que ajudaram a aliviar o custo de vida de quem trabalha. No distrito do Porto, o desemprego, a precariedade e os baixos salários continuam a ser as marcas do modelo económico neoliberal e financeirizado.

No distrito, a insuficiência de recursos na saúde, as carências na escola pública (nomeadamente de escolas que aguardam intervenção nas suas infraestruturas, como a Alexandre Herculano, o Infante ou a escola de Valongo), a recuperação muito insuficiente do investimento na cultura (com estruturas de criação importantes no distrito a perderem financiamento), a especulação no preço da habitação nomeadamente

no Porto e a liberalização dos despejos (que só foram muito parcialmente mitigados com a nova legislação), revelam as carências graves que se mantêm. Ao manter-se como campeão nacional da sinistralidade laboral e viária, o distrito do Porto é um exemplo de tudo o que falta fazer.

4. O Partido Socialista pretende manter as opções de fundo vindas da troika na legislação laboral e os privilégios dos setores rentistas, contendo por essa via a recuperação de rendimentos do trabalho ao longo da legislatura

A escolha, cada vez mais sistemática e visível do Partido Socialista na procura de acordos à sua direita, ainda durante a vigência de um acordo com os seus partidos à esquerda, confirma a sua escolha de classe e a busca por uma garantia ao centro. Uma força política que continua a encontrar no desgastado “bloco central de interesses” soluções para a perpetuação de medidas que precarizam as relações do trabalho, sangram a economia do país em nome dos ditames da burocracia da União Europeia e mantêm o desinvestimento crónico nos serviços públicos não é solução de futuro. Nos próximos meses, a Esquerda deve disputar a relação de forças para aprofundar a recuperação de rendimentos, valorizar o trabalho, combater as rendas, garantir o direito de habitação e qualificar os serviços públicos.

5. A intervenção política do Bloco no distrito tem de passar pela organização do conflito social e o Parlamento não esgota a intervenção do Bloco.

A intervenção do Bloco de Esquerda nunca esqueceu nenhuma luta. O trabalho ativista do Bloco não se esgota nos espaços institucionais. A força dos combates que travamos depende da nossa capacidade de diálogo e de mobilização para as lutas que se vivem nas escolas, nas empresas, pela habitação, pelos direitos cívicos, na defesa dos serviços públicos.

No distrito, o Bloco interveio solidariamente em muitas empresas (Efacec, Porto de Leixões, PT/Altice, Unicer, Sonae, STCP, EMEF, trabalhadores mineiros, trabalhadores da segurança privada, trabalhadores de empresas de trabalho temporário, entre outros). Além disso, tivemos um papel relevante na organização de sectores precários do Estado (designadamente amas da segurança social, formadores do IEFP, técnicos especializados, trabalhadores das Águas do Norte, da RTP-Porto, entre outros).

Apoiámos as iniciativas de organização dos trabalhadores das pedreiras do concelho de Penafiel. Marcámos presença solidária nas lutas pela habitação e contra os despejos. Mantemos uma presença consistente na organização da Marcha LGBTQ. Fomos parte integrante das mobilizações feministas contra decisões judiciais reprodutoras do preconceito e temos desenvolvido ações contra o assédio no espaço público. Impulsionámos a luta pela salvaguarda do ambiente (Rio Leça e Rio Sousa) e pelos direitos dos animais. Demos visibilidade às associações que lutam contra a pobreza e pelos direitos dos cidadãos em situação de sem-abrigo. Fizemos alianças sociais para que a redução de riscos avançasse no domínio da toxicodependência.

6. Para a nossa intervenção política, precisamos de reforçar iniciativas, encontros, grupos sectoriais e enraizar a nossa intervenção autárquica.

O Grupo de Trabalho Laboral do distrito, que tem desenvolvido uma intervenção sistemática em torno da defesa do emprego com direitos, contra os despedimentos, a precariedade, a redução do horário de trabalho, deve manter a sua presença nas greves dos trabalhadores, o diálogo com as Orts e a divulgação das posições e propostas políticas do Bloco, organizando hoje mais sindicalistas do que tínhamos há dois anos. A realização de dois encontros laborais no distrito apontaram a importância da valorização do trabalho e dos trabalhadores e a necessidade da renovação do movimento sindical, aprofundando a democracia e representatividade.

No sector estudantil, a luta contra a propinas, o desinvestimento público e a falta de habitação devem potenciar uma intervenção consistente dos ativistas do Bloco do Ensino Superior, assim como como no Ensino Secundário importa mobilizar uma genda de temas como a importância da educação sexual, do respeito pela comunidade LGBTQ+, o feminismo e o antirracismo.

O Grupo de Trabalho Autárquico, deve ser reforçado enquanto espaço de reflexão, apoio e preparação do trabalho autárquico. Para o novo ciclo desta distrital, enfrentamo-nos politicamente com mais lutas setoriais e, para isso, devemos desenvolver iniciativas que agreguem militância em áreas como a Saúde, o Ambiente/ Transportes, a Habitação, a Educação, e em causas como o Feminismo, a luta Antiproibicionista e a Descentralização constituindo grupos de trabalho continuados sempre que se reunirem as condições para o efeito, assim como plenários tópicos.

7. O Bloco saiu reforçado das últimas autárquicas. Capacitar e projetar essa intervenção no distrito é uma tarefa fundamental da próxima Coordenadora.

Nas últimas eleições autárquicas, o Bloco de Esquerda alcançou um resultado positivo. Concorremos em concelhos pela primeira vez (Marco de Canaveses e Lousada), obtivemos mais votos e mais mandatos de deputados municipais (13 mandatos) e eleitos de freguesia (31 mandatos) na Maia, Porto, V.N.Gaia, Gondomar, Valongo, Póvoa de Varzim e Matosinhos. Esse facto é contributo decisivo para a implementação do Bloco nesses concelhos e, em segundo lugar, para o alargamento no âmbito do nosso trabalho como partido-movimento. Nesse sentido, o Grupo de Trabalho Autárquico é uma peça essencial ao desenvolvimento de uma política coesa, seja ao nível freguesia, concelhio, de área metropolitana ou distrital.

8. Nas últimas eleições legislativas, o Bloco de Esquerda alcançou o melhor resultado de sempre no distrito do Porto. Manter e reforçar essa representação é uma grande responsabilidade coletiva.

Em 2015, elegemos cinco deputados à Assembleia da República pelo distrito que hoje, para além de responderem a áreas temáticas concretas no Parlamento (Trabalho, Educação, Cultura, Habitação e Ambiente) ajudaram a alargar a presença do Bloco em mais lutas e em mais zonas do território onde o Bloco padecia de presença e trabalho político. Nos próximos dois anos, queremos projetar ainda mais esta ligação entre grupo parlamentar – distrital – concelhias. Articular com as concelhias, projetar a nossa intervenção, potenciar distritalmente a ação dos nossos eleitos é crucial para prepararmos desde já a próxima campanha.

De facto, os próximos dois anos exigem de nós mais capacidade de organização política e preparação de respostas programáticas que cumpram com as expectativas do povo mostrando que as escolhas do Partido Socialista de se amarrar à ortodoxia de Bruxelas, representada de forma cristalina por Mário Centeno no Eurogrupo, entram em conflito com a esperança lançada por este novo ciclo político. Afirmar as alternativas do Bloco relativamente a essas escolhas do Governo do PS é essencial para que a Esquerda ganhe mais apoio popular e tenha mais força para determinar políticas socialistas para o país.

9. A atual CCD estabeleceu uma maior ligação com as concelhias e os vários núcleos espalhados pelo distrito. No entanto, há ainda falhas que têm de ser colmatadas e trabalho que tem de ser feito com maior profundidade e consistência.

O trabalho que envolve os vários órgãos do distrito é determinante para aproximar concelhos geograficamente mais afastados do litoral. A próxima CCD será decisiva na organização de todos os militantes e ativistas do Bloco do distrito do Porto, na promoção e discussão do nosso programa político em todos os concelhos. Nesse desafio, temos dois momentos decisivos: as eleições Europeias e as Eleições Legislativas. Para que o Bloco se assuma ainda mais como força alternativa à direita e ao Partido Socialista, precisamos de uma CCD coesa, com capacidade de ação em todas as áreas políticas, capaz de enraizar a nossa intervenção nas autarquias, de potenciar a intervenção no Parlamento, de reforçar a presença nos sindicatos e sobretudo de disputar na sociedade políticas que façam a diferença, promovendo a organização e o conflito social para as lutas todas.

Lista: Um Bloco mobilizado para todos os combates

Mandatário: José Castro

CCD 2018 - 2020

1. José Soeiro – A948
2. Luís Monteiro – A6793
3. Maria Manuel Rola – A9880
4. Sara Santos – A9779
5. Adriano Campos – A3120
6. Rui Nóvoa – A159
7. Carla Sousa – A12170
8. António Soares da Luz – A342
9. Jorge Magalhães – A4458
10. Conceição Sereno – A11822
11. Renato Soeiro – A2620

12. Ana Paula Canotilho – A3310
13. Rui Morgado – A6791
14. Luís Xavier – A9565
15. Lisa Antunes – A3812
16. Francisco José Silva – A4052
17. Victor Pinto – A7333
18. Maria João Rodrigues – A4265
19. Cláudia Braga – A13165
20. Pedro Miguel Faria – A11624
21. Carla Silva – A12455
22. Elisabete Carvalho – A12396
23. Ivo Barros – A9043

Suplentes

1. Beatriz Simões – A13034
2. Jorge Santos – A7882
3. Patrícia Martins – A12622
4. Marco Santos – A12088
5. Filipa Afonseca – A9523
6. Luís Queiroz – A13276
7. Marlene Pereira – A13169
8. Ana Isabel Silva – A13601
9. João Carvalho – A10875
10. Rui Miguel Silva – A13850

Representante da Lista na Mesa Eleitoral: Jorge Magalhães

Subscritores

Abel Carvalho – Gondomar – 11700
Adelaide Corte – Gaia – 11836
Adelaide Oliveira – Porto --4854
Adelino Pinto da Costa - Porto –336
Adriano Sousa Valongo – 9821
Alda Sousa – Gaia – 654
Amândio Barbosa Porto 1233
Ana Carvalho – Matosinhos – 11823
Ana Maria Silva – Porto--5612
Andrea Peniche – Porto - 193
António Fernando Barbosa – Valongo
– 1489
António Freitas – Maia – 10320
António Ribeiro Teixeira Penafiel – 326
Armindo Monteiro Maia - 5051
Artur Carvalho – Gaia --4459
Artur Faria – Gaia -- 4858
Artur Ramos – Gondomar – 6295
Baltasar Duarte – Porto – 5078
Benjamim Vilela – Porto -8259
Bruna Barbosa – Porto - 13656
Bruna Pereira – Porto - 13816
Carla Silva – Marco de Canavezes –
10669
Carla Vilela – Matosinhos – 5692
Casimiro de Oliveira Porto -- 9999
Catia Nóvoa – Porto – 4862
Cristovão Pimenta – Maia – 10509
Delfina Vieira – Gondomar – 4864
Domingos Novais - Gondomar – 4016
Elisabete Carvalho – Porto - 12396
Elsa Silva - Porto - 11023
Fernanda Salgado - Porto
12333
Fernando Barbosa – Valongo – 7105
Filipe Silva - Gondomar – 10324
Gonçalo Cabral Ferreira – Matosinhos
8568
Graça Lucena – Porto – 6589
Hugo Monteiro – Porto -
10717
Isidro Soares – Porto – 358
Jaime Veiga – Porto –
11021
Joana Ramos – Gondomar – 12214
João Cordeiro – Porto – 5622
João do Vale - Porto - 6877
João Pedro Silva - Gondomar - 7994
João Teixeira Lopes – Porto - 2168
Joaquim Lima Matosinhos 321
Joaquim Moreira – Gondomar – 320
Joel Oliveira – Porto – 1238
Jorge Paiva – Porto - 7182
Jorge Silva – Porto – 9733
José Augusto Pinto Gondomar 6932
José Augusto Santos – Gondomar --
11730
José Machado Castro – Porto – 333
José Pereira – Porto -
Júlia Raquel Cruz – Porto --5690
Lídia do Vale Costa – Porto 1245
Luís Santos Valongo 332
Luís Silva – Gaia ---4879

Luís Silva – Matosinhos – 945
Manuel Perfeito – Gondomar – 317
Marcelino Nogueira – Gondomar –
7594
Margarida Ribeiro – Porto – 373
Margarida Rosa Vilela – Matosinhos -
5691
Maria Clara Cruz – Porto – 5689
Maria do Céu Silva Maia – 5533
Marina Romana – Gondomar – 13017
Marlene Santos Gondomar – 12084
Marta Giesta – Gondomar – 9884
Nazaré Nóvoa – Porto — 5624
Nuno Caterna – Gondomar – 5627
Nuno Monteiro – Valongo – 6969
Paula Filipa Silva - Gondomar –6188
Paula Valentim – Gaia ---9529
Paulo Silva Porto 11022
Pedro Faria Porto 11624
Pedro Lourenço - Porto
Pedro Isidro Soares – Porto – 173
Rosa Maria Leite - Gondomar – 5639
Rute Matos CAMPANHÁ
Silvestre Pereira – Maia – 1262
Susana Mota Pinto CAMPANHÁ
Teresa Silva Gondomar 6931
Tiago Carvalho – Gondomar - 7293
Tiago Ribeiro Soares – Porto – 3965
Vasco Gusmao – Gondomar 13924
Vergílio Pereira Gondomar 7551
Vítor Pires – Porto -1263
Vitor Barros – Gaia – 10009
Carlos Dias – Penafiel – 13818